

Deputado passa por constrangimentos

RECIFE — Foi uma manhã de constrangimentos. O deputado Ricardo Fiúza fumou muito, falou mais ainda, defendeu-se o quanto pôde e acusou alguns de seus inquisidores de "terem mais vocação para agente de polícia do que para político", citando nominalmente o senador Eduardo Suplicy. A oratória e a segurança com que se defendeu das acusações que lhe foram feitas, porém, não evitaram perguntas indiscretas por parte de ouvintes do programa de rádio "Supermanhã", no qual Fiúza falou durante uma hora.

Nenhum dos ouvintes deixou Fiúza tão triste quanto um eleitor e admirador confesso, que se identificou apenas como Nivaldo:

— Deputado, até dei seu nome ao meu filho, mas agora vou

no cartório mudar o nome.

Fiúza não conteve a emoção.

— Vou enviar um dossier a você, mostrando que sou vítima de um complô político.

Outro ouvinte pediu ao apresentador do programa, Geraldo Freire:

— Arme uma ratoeira para ele.

Fiúza respondeu:

— Não sou rato.

No final, Fiúza dirigiu-se para o estúdio de televisão para nova entrevista, dessa vez, no "Programa do Meio Dia", da TV Jornal. Por exigência do deputado, o programa teve que ser gravado, em vez de transmitido ao vivo, como normalmente ocorre.

— Só tenho dez minutos, não tenho tempo, preciso ir — justificou.